



CRESCENDO COMO FILHO DE IMIGRANTE BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Growing up as children of Brazilians immigrants in the United States of America

Antônio Mendes da Costa **BRAGA**
Departamento de Sociologia e Antropologia
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp
Campus Marília
São Paulo, Brasil
antonio.braga@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5929-1012> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este artigo trata dos filhos de imigrantes brasileiros dentro do contexto da "nova segunda geração" de imigrantes nos EUA. Baseando-se em um conjunto de entrevistas em profundidade realizadas com filhos de imigrantes brasileiros, o artigo reflete a análise desse material empírico a partir do diálogo com estudos que tratam da realidade mais geral dos filhos de imigrantes nos Estados Unidos contemporâneo. Notadamente os Estudos de Alejandro Portes e Ruben Rumbaut e de Marcelo e Carola Suárez-Orozco. As análises e diálogos realizados são desenvolvidos em torno de três questões: a trajetória social e de vida de filhos de imigrantes brasileiros nos EUA; as suas experiências escolares nos EUA; e os lugares e papéis de seus pais em suas experiências de crescer como filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América. Ao final o artigo propõe as hipóteses de que: (1) "ser filho de imigrante" nos EUA atual é um espaço social a partir do qual muitas crianças vivem a infância dentro desta sociedade; (2) este é um espaço social cujas características proporcionam a essas crianças formas de agenciamento da vida social que estão ligadas justamente a condição de ser "filho de imigrante".

PALAVRAS-CHAVE: Filhos de imigrantes. Imigração brasileira. Estados Unidos da América. Infância.

ABSTRACT

The theme of this article is the children of Brazilians immigrants in the context of the "new second generation" of immigrants in the USA today. Based mainly on a set of in-depth interviews conducted with the children of Brazilians immigrants, the article reflects the analysis of this empirical material from the dialogue with studies that deal with the more general reality of the children of immigrants in the contemporary United States. Notably the studies of Alejandro Portes and Ruben Rumbaut and Marcelo and Carola Suárez-Orozco. The analyzes and dialogues carried out are developed around three important issues in the trajectory of the children of Brazilians immigrants in the United States: the social and life trajectory of these children of immigrants; their school experiences in the USA; and the places and roles of their parents in their experiences of growing up as children of Brazilians immigrants in the United States of America. At the conclusion, the article proposes that: (1) being "children of immigrants" in the USA today is an important social space from which many children lives their childhood within this society; (2) this is a social space whose characteristics provide to these children forms of agency of their social lives that are precisely linked to the condition of being "children of immigrants".

KEYWORDS: Children of immigrants. Brazilian immigration. United States of America. Childhood.

INTRODUÇÃO

Quando entrevistamos Ana¹ ela tinha 20 anos e estava estudando na Universidade da Flórida (UF). Frequentando o *College*, Ana estava dando ênfase à área de biológicas. Seu objetivo era estudar medicina. Ana é filha única. Veio para os EUA com quatro anos de idade. Ana, assim como seus pais, nasceu no interior de Minas Gerais, Brasil. Seu pai foi o primeiro a migrar para os Estados Unidos, contando com a ajuda de um primo. Um ano depois ela e sua mãe juntaram-se a ele. Desde sua chegada nos EUA Ana residiu no sul da Flórida, no condado de Palm Beach, FL. Na maior parte de sua vida viveu com seus pais em Boca Raton, em um pequeno apartamento próximo a US 441 S e W Palmetto Park Road. No momento da entrevista estávamos no campus da UF, em Gainesville, FL. Conforme Ana vai falando de sua vida, de coisas que ela viveu até ali, de suas percepções, há algo que nos chama a atenção. Em alguns momentos Ana nos relata situações em que não pode contar com a ajuda de seus pais. Momentos em que ela teve de tomar a frente das coisas. Ou resolver por conta própria desafios que iam surgindo, como situações da vida escolar. Nos conta Ana:

Minha mãe vai aprendendo as coisas porque eu vou falando, vou explicando. Eu sempre vou saber mais. Sempre vou estar fazendo outra coisa. (...) Até hoje, quando estou em casa, meus pais falam, 'liga para a Comcast'... E eu fico pensando, '-meu Deus, o que vocês fazem quando não estou aqui!'. Tem de se virar. (...) Desde os 10, 11 anos de idade, eu lavo minhas roupas, limpo meu quarto, o banheiro. Sempre foi assim. Eu ajudando. (...) No *High School*, eu me lembro, tinha um menino muito chato. Ele era americano, e ele chamava eu e minha família inteira, meus primos, de imigrantes. E falava, 'volta para seu país'. Mas eu sou uma imigrante, isso não me incomoda. Que eu sou imigrante. Mas ele falava, 'Volta para seu país, a gente não te quer aqui'. Mas eu não deixava. Que eu sou muito assim, se as pessoas falarem para mim, ficam me perturbando. Mas ficou tão chato, quando ele falou dos meus primos. Eu falei para minha mãe, '-Mãe, esse menino está falando isso, que é que eu faço?'. Mas minha mãe não sabia o que fazer. O que vou fazer? Ela não sabia o que fazer, dizer o que eu fazer. Mas meus pais nunca eram envolvidos na vida escolar. Mas eu resolvi. Fui no diretor, falei com ele. E Resolvi.

Mas ao mesmo tempo que Ana vai nos contando situações como essa, há algo mais a nos chamar a atenção na sua entrevista. É o sentimento de profunda admiração e gratidão para com seus pais, por tudo que eles fizeram e vinham fazendo por ela. O fato de estar na Universidade da Flórida, de poder aspirar tornar-se médica, essas são conquistas feitas e por fazer nas quais Ana vê a marca de seus pais em sua vida. Se

¹ Os nomes que aparecem neste artigo não correspondem ao nome real das pessoas entrevistadas. Tendo o entrevistador se apresentado como pesquisador da "Unesp, SP", foi solicitado às e aos entrevistados a autorização de uso do conteúdo de suas entrevistas. Foram feitas apenas entrevistas onde ocorreu esta autorização. Ficou acordado que os seus respectivos nomes seriam alterados por nomes fictícios em todo e qualquer uso de suas falas, a fim de preservar suas identidades.

ela está na Universidade da Flórida e ser médica é um projeto que entende ser possível, ela relaciona isso a seus pais. E o lugar dos pais de Ana na sua vida passa pelo lugar dos pais de Ana no mundo. Eles são imigrantes. E o fato dos pais de Ana serem imigrantes tem uma importante relação com quem Ana é, com os lugares que ela ocupa, deseja ocupar ou pode vir a ocupar naquela sociedade onde ela vive, os Estados Unidos: Ana é uma filha de imigrantes. E esse é um terceiro aspecto que nos chama a atenção na entrevista de Ana: sua consciência de que ser filha de imigrante é uma variável importante da sua trajetória social e de vida. Crescer também significou para Ana ir tomando consciência dessa sua condição que a acompanha desde seus quatro anos de idade. Condição essa que colocou, vem colocando e provavelmente colocará, possibilidades e impossibilidades, desafios e particularidades que são próprias da vida dela e daqueles que com ela compartilham essa condição, ser filha de imigrante.

Em dado momento, próximo ao final da entrevista, perguntamos a Ana: " -Ana, o que é ser filha de imigrante?". E Ana, como que buscando concluir o que conversamos por quase duas horas, responde:

Eu acho que ser filho de imigrante é isso, ser orgulhoso dos seus pais e querer dar de volta para eles tudo que eles fizeram e deram para você, com todo o sacrifício que eles tiveram!

A entrevista com Ana é uma das 52 entrevistas que realizamos² com filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Estas entrevistas foram realizadas entre 2016 e 2018, numa primeira etapa de uma pesquisa que estamos desenvolvendo e cujo tema é a experiência de crescer como filho de imigrante brasileiro nos Estados Unidos. Elas foram realizadas *in loco*, por Skype, ou por Facetime. O principal critério para ser entrevistado era o de serem filhos de imigrantes brasileiros, que cresceram e estavam vivendo nos Estados Unidos. Nossa preferência era por entrevistados ou que tinham nascido nos EUA, ou tinham migrado muito pequeno para aquele país. Considerando este escopo e as reais possibilidades de encontrarmos entrevistados, entrevistamos filhos de imigrantes ou que nasceram nos EUA, ou que migraram para aquele país com menos de 10 anos (sendo a exceção um entrevistado que migrou com 14 anos). Os entrevistados ou estavam concluindo *High School*, ou estavam no *College*, ou concluíram o *High School* mas não ingressaram na Universidade, ou haviam concluído a faculdade (*undergraduate*) a relativamente pouco tempo.

² Para a realização dessas entrevistas colaboraram Tomi J. Pasetto Vuorio (aluno da UF que foi meu assistente de pesquisa durante o período de investigação nos EUA), Helen Obara (Aluna da Unesp, que foi minha assistente de pesquisa nesta Universidade) e Luciana Sofia Fernandez (aluna da UF que fez estágio de pesquisa por mim supervisionada junto a Unesp, SP).

O objetivo das entrevistas era levar esses filhos de imigrantes a relatarem sua trajetória de vida a partir da condição de serem filhos e filhas de imigrantes brasileiros nos EUA. A média de duração das entrevistas era de uma hora e quarenta minutos, um pouco mais, um pouco menos. As informações obtidas através das entrevistas são, portanto, a principal base de dados utilizada para a produção deste artigo: relatos e leituras que eles fazem de suas vidas nos EUA, da experiência de crescer nos Estados Unidos, memórias e lembranças de suas infâncias, de suas vidas na família, escola e em outros lugares e situações que eles julgam relevantes. Logo, esse conjunto de 52 entrevistas são uma parte muito importante do que define os limites e pertinências do conteúdo do presente artigo.

Escolhemos o caso de Ana, e os trechos selecionados, para iniciar este artigo por alguns motivos. O primeiro é seu caráter exemplar. Há conteúdos de sua fala que aparecem em grande parte das outras entrevistas que realizamos. O segundo é que, sempre levando em conta que este é um artigo que trata da condição de ser “filho de imigrante”, sua fala ilumina a importância dos seus pais imigrantes em sua vida. Como resultado o que temos é que falar de filho de imigrantes é sempre, de alguma maneira, também estar falando de seus pais imigrantes. Os filhos de imigrantes, ao longo de suas vidas, sempre carregam consigo os seus pais e a condição de esses serem imigrantes. O terceiro motivo é que a fala de Ana nos ajuda a visualizar como nem sempre seus pais estão presentes em certas situações de suas vidas, como no caso da vida escolar. E o quarto motivo é o sentimento de Ana de que seus pais sempre fizeram muito por ela. Fizeram tanto que o desejo de retribuir a eles é muito forte. Tão forte que ela afirma que ser filho de imigrante é “ser orgulhoso dos seus pais e querer dar de volta para eles tudo que eles fizeram”.

Focando na experiência de crescer como filho de imigrantes brasileiros nos EUA, um dos objetivos desse artigo é analisar as implicações da origem parental imigrante na vida desses filhos de imigrantes. Implicações como quando a origem parental imigrante pode funcionar como desvantagem social (como nas relações dos filhos de imigrantes com o sistema escolar ou no fato de - em situações comparativas e competitivas com “filhos de americanos” - estarem potencialmente mais expostos a maiores dificuldades, terem menos vantagens, ou terem menores oportunidades ao longo de suas trajetórias sociais). Mas também existem implicações motivacionais positivas, como quando as dificuldades e desvantagens passam a serem enfrentadas mobilizando o fato de eles terem crescido “testemunhando os esforços e sacrifícios de seus pais imigrantes”. Sendo que estas motivações parecem ser ainda maiores quando

o filho de imigrante interpreta que aqueles “esforços e sacrifícios” dos seus pais estavam voltados para o “sucesso” dele, o filho, naquela sociedade.

A análise do conteúdo das entrevistas evidencia que uma parte importante da trajetória social e de vida de filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos é influenciada pelos lugares e papéis dos seus pais imigrantes em suas vidas. Ao longo das páginas que seguem procuramos tratar dessa influência utilizando alguns estudos que tratam da temática de “ser filho de imigrante nos Estados Unidos”. Particularmente dois conjuntos de estudos. Um é o de Alejandro Portes e Ruben Rumbaut (PORTES, RUMBAUT, 2001, 2014; RUMBAUT, PORTES, 2001). Outro é o desenvolvido por Marcelo e Carola Suárez-Orozco (SUÁREZ-OROZCO, SUÁREZ-OROZCO, 2002). A escolha dos estudos de Portes e Rumbaut e dos Suárez-Orozco decorre de dois motivos:

O primeiro, relativo a Portes e Rumbaut, deve-se ao fato de que seu “Estudo Longitudinal Sobre Filhos de Imigrantes (ELFI)” e sua “Teoria das Trajetórias de Assimilação Segmentada” (PORTES, RUMBAUT, 2001, 2014; RUMBAUT, PORTES, 2001), serem estudo e teoria de referência que oferecem uma visão ampla e consistente sobre ser e crescer como filho de imigrantes nos Estados Unidos na atualidade. Por ser uma pesquisa que investiga filhos de imigrantes com diferentes origens étnicas, nacionais, e que resulta num instrumental teórico (a Teoria das Trajetórias de Assimilação Segmentada [TTAS]) que permite analisar comparativamente (considerando as diferenças e especificidades de origem étnica e de nacionalidade) os processos de assimilação dos filhos de imigrantes nos Estados Unidos na atualidade, consideramos que o estudo e teoria de Portes e Rumbaut é um instrumental útil para pensar nosso caso específico, o dos filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

Já no caso dos estudos de Marcelo e Carola Suárez-Orozco, nos interessa em particular o trabalho conjunto “*Children of Immigration*” (SUÁREZ-OROZCO, SUÁREZ-OROZCO, 2002), outra obra de referência sobre filhos de imigrantes brasileiros nos EUA. Ela nos interessa por dar muita atenção ao papel da escola nas trajetórias de vida e na produção de expectativas de vida de filhos de imigrantes nos Estados Unidos. Portanto, utilizamo-nos dos estudos dos Suárez-Orozco para pensar o papel da escola na vida do nosso grupo de interesse, os filhos de imigrantes brasileiros nos EUA. Principalmente por considerarmos a escola um espaço primevo e primordial de contato do filho de imigrante com a sociedade estadunidense. Ou seja, é através da escola que o filho de imigrante entra na vida social estadunidense. E, não raro, esse é um ingresso e contato que se dá com relativa autonomia, com significativa separação ou, mesmo, um certo desconhecimento parental. E se a escola implica em um tipo de contato com

a sociedade estadunidense que ocorre com uma forte ausência parental, isto é algo que tem profundas implicações na vida desses filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

O que buscamos nas páginas a seguir é, portanto, trazer algumas reflexões e análises sobre a experiência de crescer como filho de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, posicionando-os em relação a experiência mais geral de ser filho de imigrantes nos EUA considerando os lugares e papéis que seus pais ocupam em suas vidas e trajetórias.

FILHOS DE IMIGRANTES, TRAJETÓRIAS, ESCOLAS, PAIS

No Estudo Longitudinal Sobre Filhos de Imigrantes (ELFI) e na “Teoria das Trajetórias de Assimilação Segmentada” de Portes e Rumbaut (PORTES, RUMBAUT, 2001; RUMBAUT, PORTES 2001), é possível perceber que a origem familiar e parental impacta na trajetória social e de vida da “nova segunda geração”³, isto é, na vida dos filhos de imigrantes nos EUA dentro contexto da “nova imigração”.

Esta “Teoria das Trajetórias de Assimilação Segmentada” tem por escopo identificar se a trajetória social e de assimilação do filho de imigrante se dá de forma descendente ou ascendente em relação ao *mainstream* social estadunidense. Para tanto foca em quais são, e como agem, os fatores sociais externos e os tipos de obstáculos enfrentados pelos filhos de imigrantes ao longo de suas trajetórias sociais e dos seus processos de assimilação nos Estados Unidos atual. Sustentando-se no Estudo Longitudinal Sobre Filhos de Imigrantes (ELFI), a Teoria aponta para três resultados possíveis nas trajetórias sociais de filhos de imigrantes nos EUA nos dias de hoje: ou os filhos de imigrantes podem ser incorporados ao *mainstream* social e econômico (o que é uma trajetórias ascendente), ou podem ficar estagnados em ocupações subalternas (vinculadas a trabalhos de baixa remuneração e qualificação) ou podem se ligar a estilos de vida desviantes, como o pertencimento a gangues (trajetórias descendentes).

³ Portes e Rumbaut utilizam o termo “nova segunda geração” (PORTES, RUMBAUT, 2001; RUMBAUT, PORTES, 2001) para se referir aqueles filhos de imigrantes que cresceram e vem crescendo e sendo assimilados pela sociedade estadunidense dentro do contexto e como parte da “nova imigração” (PORTES, RUMBAUT, 2014). “Nova imigração”, por sua vez, é o termo utilizado para se referir ao fenômeno migratório nos Estados Unidos que remonta às últimas três décadas do século XX e que se estende até os dias de hoje. O termo “nova imigração” busca, principalmente, diferenciar esse fenômeno migratório contemporâneo daquele que ocorreu nos EUA entre o final do século XIX e início do século XX. Sendo relevante destacar que enquanto os imigrantes do início do século XX eram em sua maioria de origem europeia, os da “nova imigração” são em grande parte originários da Ásia, América Latina e Caribe.

Portes e Rumbaut apontam que há influência e peso por parte dos recursos sociais, econômicos e culturais pertencentes às famílias, aos pais da “nova segunda geração” de imigrantes, no tipo de direção que a trajetória social de um filho de imigrante vai tomar (se numa direção ascendente, ou descendente). O capital cultural familiar é um exemplo de algo que exerce peso no fato de o filho de imigrante ter uma trajetória social bem ou mal sucedida. Ter ou não um bom capital cultural, conseguir ou não mobilizar esse capital no contexto da sociedade de imigração (os Estados Unidos), tornar ou não acessível e mobilizável esse capital pelos seus filhos, esses são alguns dos fatores que influenciam num menor ou maior sucesso da trajetória social dos filhos de imigrantes nos EUA.

Composição familiar (se é uma família estável ou uma família fragmentada), barreiras de adaptação e de integração (assimilação) da família, os tipos de obstáculos e os recursos que elas têm disponíveis para enfrentá-las, o tipo de acolhimento recebido por parte de autoridades governamentais e da população nativa no local onde moram, o fato de estarem isolados, ou vinculados a redes de relacionamento, estarem ou não ligados a uma comunidade co-étnica mais ou menos integrada, bem estabelecida, ou próspera. Esses são os principais fatores externos apontados por Portes e Rumbaut que tendem a influir no fato de o filho de imigrantes ter uma trajetória de assimilação bem ou mal sucedida nos Estados Unidos.

No que se refere aos obstáculos e barreiras de adaptação e de integração encontradas pelos filhos de imigrantes, Portes e Rumbaut apontam que aí também influenciam fatores familiares. Isto se evidencia, por exemplo, naquelas famílias de imigrantes onde os pais não dominam o inglês, ou não conseguem mobilizar o capital cultural que haviam adquirido no seu país de origem. E esses tipos de situações podem ter algumas consequências. O não domínio da língua ou a impossibilidade de usar a formação e qualificação profissional que ele tinha Brasil nos Estados Unidos pode implicar na necessidade de o imigrante ter de aceitar trabalhos que exigem baixa qualificação e que, por consequência, oferecem baixas remunerações. Como são baixas as remunerações, e como nos EUA é comum se pagar por hora trabalhada, o que ocorre é que o pai e mãe de família imigrante tem de despender mais tempo no trabalho para compensar a baixa remuneração. E mais tempo no trabalho implica em menos tempo com os filhos.

Maria Cecília, uma jovem de 27 anos quando a entrevistamos, nasceu em Brasília. Ela, junto com os pais e uma irmã mais velha com idade próxima a dela, migraram para Orlando, FL, quando ela tinha oito anos de idade. Seus pais tinham formação superior

e eram donos de uma loja em Brasília. Mas em Orlando tiveram de recomeçar a vida. Nos conta Cecília:

Quando eu e minha irmã éramos crianças meu pai saía de um trabalho e ia para o outro, então a gente quase não via ele. Porque ele saía de um emprego e aí para outro. Isso foi o primeiro ano. Mas logo depois meu pai arrumou um emprego melhor. Depois ele montou o negócio dele. E eu tinha muitas amigas que eram a mesma coisa, que os pais ficavam fora de casa o tempo inteiro, para trabalhar. Daí minha mãe começou a trabalhar, um ano depois que chegamos. Daí eu acho que eu e minha irmã, a gente ficou mais independente. Porque não tinha mais alguém para fazer as coisas. A gente sabia que minha mãe não ia estar lá quando a gente acordasse. Então a gente era responsável de ir para a escola, de preparar o café, esperar o ônibus para ir para a escola. Era diferente dos nossos primos no Brasil, que a mãe fazia as coisas, levava toddynho na cama. Quando a gente ia visitar eles no Brasil, a gente ficava assim: - Que é isso aí que o meu primo está dependendo da mãe dele?

Como salienta Maxine Margolis (2013), há uma heterogeneidade no perfil dos imigrantes brasileiros nos EUA que não pode ser desconsiderada. Desde que o movimento migratório brasileiro para os Estados Unidos teve início, em meados dos anos oitenta, o perfil dos imigrantes foi se tornando diversificado em virtude de aspectos tais como o local de origem no Brasil, o perfil socioeconômico e cultural, a situação documental, o tempo, local e sucesso ou insucesso no estabelecimento nos Estados Unidos. Em suma, intrinsecamente o universo imigratório brasileiro nos EUA foi adquirindo perceptíveis diferenças.

Contudo, ao levar em conta trabalhos como os da própria Margolis (1994), ou de outros autores, como Teresa Sales (1999) e Ana Cristina Braga Martes (2011), entre outros. E também considerando nossa própria pesquisa de campo em Orlando (FL) e no Sul da Flórida. Ao levar isso em conta e refletindo sobre a "Teoria das Trajetórias de Assimilação Segmentada", nos parece que as pesquisas sobre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos nos dão pistas para considerar como possível que - nos termos propostos por Portes e Rumbaut e sem desconsiderar as diferenças internas do universo imigratório brasileiro nos EUA - as trajetórias sociais de filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos tendem para algo em direção a uma trajetória ascendente e para casos onde pode ocorrer uma estagnação, onde o filho de imigrante vincula-se a trabalhos de baixa remuneração e qualificação.

Tomemos como plausível esta nossa hipótese. E consideremos que nos casos de estagnação, na ocupação de trabalhos de baixa remuneração e qualificação pesam fatores que não vamos explorar aqui. Fatores que tornam a realização de uma trajetória ascendente extremamente onerosa, quase intransponível. Como é o fato de que a condição de imigrante não-documentado é um forte obstáculo a uma trajetória ascendente, pois não só impõe dificuldades a esses filhos de imigrantes, mas os coloca

em situações de desvantagens quando eles têm de competir com alguém em situação regular ou, mais ainda, com aqueles que são cidadãos e filhos de americanos. E a condição de não-documentado é uma realidade que também está presente dentre os filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos.

Tomando como plausível esta nossa hipótese chamamos a atenção para algo que está presente na fala de Cecília, e que também encontramos na fala de vários outros entrevistados, assim como em algumas de nossas observações de pesquisa de campo: o fato de os pais terem de trabalhar pode se convertido num trunfo por alguns dos filhos de imigrantes dentro de suas trajetórias nos Estados Unidos. Isto porque em muitos casos isso gera, quase que de forma compulsória, a necessidade de que o filho de imigrante tenha de ser mais autônomo, tenha de realizar um conjunto de tarefas e lidar e ter de “se virar sozinho” em situações que em outro contexto não ocorreriam. Como parece ser o contexto de vida dos primos de Cecília. E talvez da própria Cecília, se ela tivesse permanecido e crescido em Brasília.

Com a colocação acima não queremos dar cores alegres ou justificar a sobrecarga de trabalho - e menos ainda a exploração - que recai sobre tantos imigrantes, inclusive muitos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Os custos e sofrimentos produzidos por situações como essas recaem tanto para pais, quanto para filhos. Situações que estão relacionadas com as condições de vulnerabilidade nas quais se encontram tantos imigrantes no mundo hoje. Condições que revelam limites e contradições das noções e práticas de justiça e cidadania na contemporaneidade (BALIBAR, 2008; MEZZADRA, 2007).

Nosso objetivo, contudo, considerando o objeto e escopo deste artigo, é apontar para a capacidade de resiliência e forma de agência através do qual muitos filhos de imigrantes lidam com situações como essas, claramente adversas. Noutros termos, o que estamos colocando é que essas adversidades vivenciadas pelos filhos de imigrantes e seus pais podem gerar um certo tipo de “*ethos* de filho de imigrantes” que vai se desenvolvendo ao longo de suas trajetórias de vida, em suas experiências de crescer como filho de imigrantes nos Estados Unidos.

Retomando a questão de os pais não dominarem o inglês, já sinalizamos que isto costuma ser acompanhado da fluência no inglês por parte dos filhos. E quando isso ocorre o que se tem é que em diferentes situações os pais vão depender da ajuda dos filhos. E se considerarmos o contexto social de origem desses pais, o Brasil, aqui temos muito possivelmente uma subversão em relação ao entendimento mais usual de como pais e filhos deveriam interagir a partir do desempenho de seus respectivos papéis.

Além dessa inversão no desempenho de papéis, outra consequência do pouco domínio do inglês por parte dos pais é o estabelecimento de barreiras entre esses pais imigrantes e a escola de seus filhos (SALES, LOUREIRO, 2004; OLIVEIRA, MERIZ, IHÁ, 2006; ASSIS, IHÁ, 2007). Barreiras que se tornam maiores na medida em que o universo escolar é algo desconhecido para esses pais, pois o mundo escolar que eles conhecem é o de seu país de origem, o Brasil.

Ressaltamos, mais uma vez, que a escola surge como uma instituição de grande relevância na vida dos filhos de imigrantes. E, como coloca Carola e Marcelo Suárez-Orozco (2002), a escola é, na maioria das vezes, o lugar onde se dão os primeiros contatos do filho de imigrante com a realidade estadunidense. Neste sentido, podemos considerar que enquanto o espaço interno da família se projeta em direção à origem étnica, a escola tende a se projetar em direção à realidade da sociedade de acolhimento. Ou seja, a escola tende a desempenhar para os filhos de imigrantes, o papel de porta de entrada e de contato com a realidade sociocultural e sócio-estrutural estadunidense.

Sérgio, filho de imigrantes paulistas, migrou com sua família para os Estados Unidos, para o condado de Broward, FL, com oito anos de idade, no ano de 2001. Ainda que morasse no condado de Broward, de forte migração brasileira, ele era o único brasileiro em sua escola. Sua fala sobre o início da vida escolar nos oferece uma visão bem interessante, na medida em que ele tenta se colocar no lugar do Sergio criança, com oito anos, entrando na sociedade estadunidense através da escola:

No começo foi difícil se adaptar aos colegas americanos, pois como eu ia conversar com eles sobre show de televisão? Para eles era basquete, para mim futebol. Quase não tinha amigos no começo e chegou um ponto que comecei a me sentir discriminado por ser brasileiro. Eles não gostavam de falar comigo, sentar comigo na mesa. Tinha até uma professora que forçava eles falarem. Ela me entendia. Se, como criança, as pessoas não querem brincar comigo, jogar bola comigo, eu me sinto diferente. Agora, olhando para trás é diferente. Mas na cabeça de uma criança, na minha cabeça quando era criança, eu pensava, 'será que é porque eu sou mais diferente?'. Aí, com o maior conhecimento do inglês, lá pela quarta, quinta série, eu não me senti tão à parte dos outros colegas. Eu me adaptei. Manjava mais do inglês, comecei a gostar mais de basquete que de futebol, assistia os programas que eles assistiam. Então eu estava na cultura americana, então era muito mais fácil fazer amizade.

O nosso entrevistado João nasceu em Cuiabá, MT. Ele também migrou para os Estados Unidos com oito anos. Ele, seus pais e um irmão mais velho, que já havia retornado para o Brasil. Seu pai é engenheiro de uma fábrica de capital brasileiro no condado de Alachua, norte da Flórida. Se a fala de Sérgio nos conta sobre sua estratégia de adaptação e integração com seus colegas, com a cultura hegemônica de sua escola, selecionamos um trecho da entrevista de João que nos dá pistas da escola em sua

dinâmica estadunidense e vai refletindo sobre seu lugar como um “estrangeiro” na escola. O que nos chama atenção na fala de João, e por isso a tomamos como exemplar, é que ela revela como a escola pode não ser um lugar tão acolhedor e que nem todas as “portas” estão abertas a um imigrante. Ao mesmo tempo ela dá pistas de como pode ser difícil estar ali sozinho em termos étnicos e de que a língua pode ser uma das barreiras entre escola e pais, neste caso a sua mãe:

Eu era da banda da escola. Na banda aceitavam todo mundo. É uma cultura diferente. É muito louco. Mas em todos os outros lugares eles me julgavam, tipo, ‘ah, você é estrangeiro, tá, tá...’. ‘Mas aqui somos todas pessoas da banda, não importa raça, ser estrangeiro. Eu estava nas salas mais avançadas da escola, eu era o único ‘hispanico’ nessas turmas. A maioria dos hispânicos, afro-americanos, estavam nas salas de nível mais baixo. Eu os via, eu estava em contato com eles, mas eu não tinha amigos entre eles, eu não podia sair com eles. A única razão pela qual eu fazia essas classes avançadas é porque eu fazia todo o possível, porque minha mãe e meu pai não sabiam de nada dessa escola americana. Eu fui com meu inglês que não era perfeito e: ‘-Como eu entro nessas classes avançadas? Meus amigos foram para essa classe. Como eu entro nela? Ah, você tem de fazer esse teste! -Então me dê este teste! Mas sua mãe tem de assinar uma autorização!’. Mas minha mãe não sabia inglês, então eu assinei por ela. Eu tinha a oportunidade de entrar para a classe mais avançada de inglês. Porque eu conseguia escrever, conseguia fazer tudo em inglês. Mas porque minha primeira língua não era o inglês, por isso até o *Middle School*, eu não podia entrar. Eu perguntava como entrar nessas classes, mas eles respondiam: -Seu nível não é alto o suficiente!’. Mas isso era porque eu não tinha nascido aqui.

Quanto à vida escolar, nos Estados Unidos ela começa oficialmente aos cinco ou seis anos de idade. Ao ingressar no *Kindergarten* a criança dá oficialmente início à sua vida escolar, no *Elementary School*. Esta fase dura de cinco a seis anos. Em seguida, a partir dos onze ou doze anos, a criança frequenta o *Middle School* ou *Junior School* (dependendo do Estado). E depois de três anos no *Middle School* ou *Junior School* o estudante ingressa no *High School*, que tem a duração de quatro anos. Ou seja, oficialmente são doze anos a serem vividos na escola. Antes deste período oficial há a possibilidade de a criança frequentar um *Pre-K (Preschool)*. Isto antes de completar seis anos. Por não ser obrigatório, o *Pre-K* não precisa ser oferecido pelo Estado. Prestadores de serviço ou empresas privadas voltadas para o cuidado infantil, assim como organizações comunitárias, são quem costumam oferecer esse tipo de serviço. Voltado para crianças de três a cinco anos de idade um *Pre-K* costuma oferecer alguns conteúdos lúdicos voltados para o processo de alfabetização. Tomás, 22 anos, migrou com sua família para os Estados Unidos com seis anos. Migraram para Doral, no condado de Miami-Dade, FL. Ele ingressou na vida escolar pelo *kindergarten*. A reflexão de Tomás é muito interessante, pois ela sugere que a idade em que se dá a alfabetização ou o ingresso na escola pode ter consequências sensíveis em termos de resultados a

depende de a criança entrar no mundo da escola com três, ou cinco, ou seis, ou oito, ou dez anos ou mais:

Se o cara chegar de um país de língua estrangeira num nível mais avançado da vida, acho que com oito anos, muda. Eu cheguei com seis anos, e já tinha uma diferença com dois ou três colegas que chegaram antes e já estavam alfabetizados em inglês. Eu fui alfabetizado no Brasil. Eu já comecei a estudar no Brasil um pouco mais cedo do que a galera está acostumada aqui. Daí, conforme esses que estão chegando agora, naquele momento, então, uns dez, onze anos, doze, treze quatorze anos, então como eles já chegam com uma cultura de fala, eles já se identificam como estrangeiro. Então, eu acho que chegando com seis anos, até uma idade assim, não sei se é notável assim sua identidade étnica no *Elementary School*. Já a partir do *Middle School* sim. Aí muda.

Um dos motivos de termos selecionado esses trechos das entrevistas desses três filhos de imigrantes é chamar a atenção para o fato de que o domínio da língua inglesa tem diferentes tipos de impactos nas primeiras experiências de inserção dos filhos de imigrantes na sociedade estadunidense através da escola. Um primeiro, como vimos na fala de Sérgio, é que o tipo de domínio que o filho de imigrante tem da língua pode interferir na sua relação com os outros colegas de escola. E se, como era o caso de Sérgio, ele não tinha outros colegas brasileiros, isso pode ter suas consequências. Como é o caso da distância que existe entre ter colegas e ter amigos, ou no desenvolvimento de um sentimento de que “talvez eu seja diferente”. O que, como indica Sérgio, é algo forte e que, portanto, produz marcas em uma criança de oito anos.

Cruzando a fala de Sérgio com a de Tomás podemos chegar a algumas conclusões. A primeira é que aqueles filhos de imigrantes que nasceram nos Estados Unidos têm, potencialmente, a vantagem de serem alfabetizados em inglês. O que torna, de fato, o inglês a sua língua nativa. Principalmente se a criança filho de imigrante, entre os três, cinco anos, passa por experiências de alfabetização no *Pre-K*. Tomás, inclusive, chama a atenção para o fato de que ele percebia diferenças em relação ao domínio da língua quando comparava sua experiência (que envolvia ter chegado nos EUA com seis anos, iniciar a alfabetização no *kindergarten* e ter tido um início de alfabetização no Brasil) com a de outros colegas filhos de imigrantes que chegaram aos EUA com uma idade inferior a sua e foram alfabetizados no *Pre-K*, e apenas nos EUA. E esta fala de Tomás é corroborada pela fala de Sérgio, quando ele nos relata as consequências de ter ingressado na vida escolar estadunidense já com oito anos, já com o *Elementary School* em andamento. O empenho de Sérgio em aprender o inglês e dominá-lo significava muito mais do que ter um bom desempenho na escola. Envolveria também, e talvez muito mais, parte de seus esforços de não se

sentir “diferente” e de poder “fazer parte” daquele novo mundo através das amizades, do ser aceito.

João, por sua vez, também aponta para o fato de que o domínio da língua é importante. Mas um grande domínio na fala ou na escrita pode não ser suficiente, quando você é um filho de imigrante. Isto porque, quando você é um filho de imigrante, principalmente um filho de imigrante que não nasceu nos EUA, a sua condição de ser “estrangeiro” (para usar a expressão de João) tende a acompanhar você na sua vida dentro da escola. O percurso escolar, nesta perspectiva, também pode significar para um filho de imigrante um contínuo esforço de afastamento da sua condição de “estrangeiro” a partir da “nativização”, da sua conversão do inglês em sua língua nativa. Ou seja, a língua, o inglês, tende a desempenhar um papel importante no processo através do qual o filho de imigrante se insere na cultura, na sociedade estadunidense, já na escola. E essa inserção não é só algo que se dá no plano cognitivo, na introjeção e desenvolvimento de uma consciência e de uma visão de mundo própria daquela sociedade. É também uma inserção relacional. Isto é, envolve as formas como você vai ser visto, aceito e se relacionar com os outros. Sendo esses outros os amigos, os colegas, os professores, os membros do corpo diretivo, a própria escola e mesmo o sistema educacional como um todo e o que ele tem para oferecer ao filho de imigrante seja no presente, seja em relação a um futuro possível, que esse filho de imigrante considerará ou não alcançável.

Por fim citamos mais um tipo de impacto, que já fizemos referência, que é o fato de o domínio da língua inglesa - e seu inverso, o não domínio - ter consequências na relação dos pais imigrantes com a escola de seus filhos. Ou seja, não bastasse os pais desconhecerem como funciona o mundo da escola de seus filhos, pode acontecer de eles não terem os recursos linguísticos necessários que lhes permitirão participar ao lado de seus filhos nas descobertas desse novo mundo escolar.

Tanto na fala de Ana, quanto na de João, isso fica perceptível. E nessas falas percebemos algo que diz respeito a um dos argumentos que estamos desenvolvendo ao longo do artigo: as diferenças em relação ao domínio da língua por parte dos pais imigrantes e por parte dos seus filhos podem vir a ser mais um dos fatores a contribuir para o desenvolvimento de um “*ethos* de filho de imigrantes” que irá caracterizar certas ações de muitos filhos de imigrantes dentro do contexto da sociedade estadunidense, ao longo de suas trajetórias sociais e de vida. Algo que se inicia na vida escolar, acompanhando os anos que eles vivenciam a escola, mas indo além, projetando-se para o *dever* de suas vidas na sociedade estadunidense.

Na realidade, as quatro falas apresentadas até aqui - de Ana, Sérgio, Tomás, João - nos ajudam a visualizar como são complexas - e em muitas e muitas vezes adversas - as experiências vividas pelos filhos de imigrantes ao longo de suas vidas, desde o nascimento nos Estados Unidos ou a partir de sua chegada nesse país. Dentre outros fatores, porque essas não são experiências que dizem respeito apenas ao filho de imigrante e sua própria vida. Como coloca Beatriz Padilla e Alejandra Ortiz (2014), o "ser filho de imigrante" é um *status adscrito* de ser "filho de". Ou seja, a identidade de "ser filho de imigrante" é algo que é também socialmente inscrito (acrescentado, registrado) nele. E isto é particularmente verdade na vida da maior parte dos filhos de imigrantes nos Estados Unidos desde a primeira infância até fases posteriores de sua vida, como a juventude, e até mesmo a vida adulta. E é a partir desse lugar, dessa condição, dessa identidade, que o filho de imigrante vivencia muitas das experiências de suas vidas. Como são os casos de Ana, Sérgio, Tomás, João.

As consequências dessas situações adversas - como excesso de horas a serem trabalhadas por seus pais, os esforços e sacrifícios que seus pais tem que fazer, a necessidade de terem de lidar por conta própria (e sem auxílio) com várias situações de seu cotidiano, o ter de enfrentar a complexidade do mundo escolar (o "ser estrangeiro", "ser latino", ter de dominar uma língua, uma cultura e um sistema escolar por conta própria, pois seus pais pouco sabem sobre tudo isso. E com poucos anos nos Estados Unidos sabem menos do que eles, seus filhos) - é que o filho de imigrante terá de desenvolver sua própria forma de lidar com tudo isso a partir dessa sua condição de ser filho de imigrante. E o que nossa pesquisa vem indicando é que - ainda que os filhos de imigrantes não venham sempre a agir da mesma forma, ainda que eles desenvolvam entre si modalidades e formas distintas de lidar e reagir a tudo isso ao longo de suas vidas - entre muitos filhos e filhas de imigrantes ocorre uma forte resiliência que faz com que eles desenvolvam um certo tipo de *ethos* que lhe são próprios, que é o que estamos chamando de um *ethos* de filhos de imigrantes.

Cientes de que não podemos generalizar e estender o que estamos propondo a todos os filhos de imigrantes, nem mesmo todos os filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Tendo isto em mente, o que estamos colocando é que a nossa pesquisa com filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos vem indicando a presença deste *ethos* em muitos filhos de imigrantes com os quais tivemos contato ao longo da pesquisa. *Ethos* cuja algumas de suas principais características é a grande capacidade de esses filhos de imigrantes serem resilientes, tendendo a ter muita gana e predisposição para esforçarem-se e empenharem-se para realizar conquistas,

alcançarem objetivos e sucesso ao longo de sua trajetória social e de vida nos Estados Unidos. Não raro carregando o tipo de motivação apontada por Ana: dar orgulho, encontrar alguma forma de retribuir seus pais imigrantes, dizendo, principalmente através de seu sucesso na vida, que os esforços deles valeram a pena.

Ao propor a existência desse *ethos* não só não queremos generalizar, quanto também não queremos subestimar a influência e peso de fatores externos - e estruturais - na forma de o filho de imigrante encarar a sua vida na sociedade estadunidense. Os estudos dos Suárez-Orozco (2002) dão um bom exemplo desses fatores externos, tratando especificamente da realidade escolar para os filhos de imigrantes nos Estados Unidos. Estamos nos referindo ao fato de que seus estudos apontam que podem surgir dois resultados extremos no desempenho escolar de filhos de imigrantes no contexto escolar estadunidense: pesquisas de diferentes tipos apontam que filhos de imigrantes costumam estar entre aqueles estudantes que têm um alto desempenho escolar no Estados Unidos, apresentando altos scores, muitas vezes maior que o de seus colegas filhos de nativos. Mas ao mesmo tempo as pesquisas apontam que filhos de imigrantes figuram entre aqueles que apresentam os níveis de desempenho escolar mais baixos nos Estados Unidos. O que esses autores demonstram em seus estudos é que esses extremos no desempenho escolar não são obras do acaso e não necessariamente estão refletindo a maior ou menor capacidade individual dos filhos de imigrantes. Segundo eles há uma série de fatores relacionados ao meio ambiente social onde os filhos de estudantes estão inseridos e que influenciam nesses resultados. Desta forma temos que escolas mais bem localizadas, com melhores recursos e inseridas em melhores contextos socioeconômicos são aquelas onde encontramos os filhos de imigrantes com melhores desempenho escolar. Já escolas mais precárias, em bairros muito carentes e cercados de grandes problemas sociais (como remuneração média familiar muito baixa e violência) tendem a ser aquelas onde encontramos estudantes com desempenho escolar mais baixos⁴.

A partir dessas constatações e do desenvolvimento de pesquisas junto a filhos de imigrantes em diferentes contextos nos Estados Unidos, os Suárez-Orozco argumentam

⁴ É preciso levar em conta que nos Estados Unidos, por princípio, o que vai determinar o direito de um aluno frequentar uma dada escola pública é o código postal de sua residência. A consequência disso é que quanto mais rica a região postal e mais caras as residências, maior a probabilidade de a escola pública ser muito boa. Em contrapartida, regiões postais mais pobres, localizados em bairros mais pobres, tendem a ter escolas públicas piores e, não tão raro assim, com uma grande gama de problemas. Portanto, o princípio do código postal termina sendo um mecanismo de reprodução das desigualdades sociais e de oportunidades alcançáveis. E o que acontece é que certos perfis de imigrantes, originários de determinados contextos, terminam por residir nesses bairros mais problemáticos em termos socioeconômicos e de infraestruturas.

que os anos na escola correspondem a uma contínua imersão dos filhos de imigrantes dentro de realidades muito distintas na sociedade estadunidense. E a depender do tipo de realidade escolar que o filho de imigrante encontra, isso resultará em certos tipos de autopercepções sobre seu lugar e suas possibilidades em termos de projeto de vida nessa sociedade. Ou seja, o tipo de experiência escolar que ele tem influenciará no desenvolvimento da sua consciência sobre a sociedade e em suas percepções sobre qual deve ser o lugar que ele e sua família devem ocupar dentro da sociedade, enquanto filho de imigrantes e família de imigrantes nos Estados Unidos. Com isso, essas experiências objetivas relativas aos anos escolares tenderão a influenciar nas suas percepções sobre os espaços dos possíveis que dizem respeito às oportunidades que ele terá e tipos de trajetórias sociais que estarão ao seu alcance.

Em suma, o que queremos apontar é que os anos escolares corresponderão a uma sucessão de experiências vividas – onde algumas poderão ser boas ou muito boas, outras ruins, outras podendo ser traumáticas, outras agradáveis, outras nem tanto, algumas estimulantes, outras desestimulantes - que irão se estender desde o período do *kindergarten* até o *High School*. Os fatores que provocam essas experiências são externos e alheios às vontades dos filhos de imigrantes. Dizem respeito à própria sociedade estadunidense, suas características, sua complexidade, suas diferenças, suas ambiguidades, contradições, limites, desigualdades. Subsequentemente, os anos escolares irão exercer grande influência na forma do filho de imigrante se integrar e perceber a sociedade estadunidense. E, também, não só na forma como ele irá realizar sua trajetória social e de vida, mas em como e no quanto vale a pena investir nisto. E isso, em acordo com o que coloca os Suárez-Orozco, vale para todos os filhos de imigrantes nos Estados Unidos.

Mas há algo que não podemos desconsiderar. Provavelmente no que diz respeito a uma parte expressiva dos filhos de imigrantes nos Estados Unidos. Muito provavelmente em relação ao caso dos filhos de imigrantes brasileiros. E seguramente em relação aos filhos de imigrantes brasileiros que estamos pesquisando: para compreender a experiência de crescer como filho de imigrante brasileiro nos Estados Unidos é preciso nunca perder de vista os seus pais, a relação desses filhos com seus pais imigrantes. Uma relação que tem suas próprias realidades, suas próprias contradições, suas próprias lógicas. Uma realidade e uma relação que só pode ser aquela entre um filho de imigrante com seu pai, entre um pai imigrante com seu filho. Um tipo de realidade e relação que, portanto, tem um lugar único, singular, no mundo. E é dessa singularidade - onde você não pode pensar o filho de imigrante sem se

perguntar aonde estão seus pais imigrantes em suas vidas - que surgem essas formas tão impressionantes de ser, estar e agir no mundo. Que é própria de certos filhos de imigrantes. Filhos de imigrantes como Sérgio, que quando foi entrevistado, com seus 24 anos, estava no início de uma carreira profissional promissora, marcada por superações e conquistas. E cujas palavras são inspiradoras. Inclusive para a construção deste artigo:

Eu sempre digo aos meus pais quando vejo eles. Sou sempre grato pelo esforço e investimento que eles fizeram em nós, porque um imigrante aqui nos Estados Unidos e que trabalha, é realmente muito difícil para ele. Eles dedicaram cem por cento a nós, dando tudo mais que a gente precisava. Na área financeira focaram mais na gente do que neles, na aposentadoria.

Então o que eu percebo é que a experiência dos pais motiva os estudantes de segunda geração a se destacar. Não posso generalizar, mas posso dizer com confiança que os estudantes que se destacam na área acadêmica são imigrantes. E eu posso dizer sem nenhuma dúvida que, com certeza, isso está ligado aos pais, porque a gente percebe a ética de trabalho deles, o sacrifício que eles fazem, então a gente quer fazer o mesmo. Sendo um país de oportunidades nada impede de atingirmos muito mais do que nossos pais atingiram. Não só no Brasil. Mas aqui nos Estados Unidos. Meus pais sempre falam: '- Vocês conseguem ir além, vocês conseguem fazer mais!'. E isso nos dá força, nos dá ambição para sempre nos destacarmos na escola, na faculdade, em comparação a nossos amigos americanos.

CONCLUSÃO: ESPAÇO SOCIAL, SER E DEVIR NA INFÂNCIA DE FILHOS DE IMIGRANTES

O fato de que o ser filho de imigrante é um status adscrito de "ser filho de" (PADILHA, ORTIZ, 2014) é algo que tem uma relação direta com a origem parental. Por conseguinte, essa origem parental é um dos elementos que incidem sobre o filho de imigrante e que, por consequência, exerce influência nos tipos de espaços sociais que ele pode vir a ocupar na estrutura social da sociedade à qual ele pertence e a partir dos quais se darão suas ações e interações sociais (no caso aqui tratado, a sociedade estadunidense). Noutros termos, o mais comum é que essa condição — ser filho de imigrante — não seja obliterada da e na sua vida e identidade social e faça parte daqueles elementos sociais mais importantes que definem como, de que forma e a partir de onde ele vive muitas de suas experiências na sociedade e no decorrer de sua trajetória social.

Se esse status adscrito de "ser filho de imigrantes" tem todo esse influxo na identidade e na vida social dos filhos de imigrantes, isto é algo que tem particular influência em sua infância. Afinal, vivenciar e atravessar a infância a partir da condição de ser filho de imigrante é uma parte importante de como, a partir de onde e de que

forma uma criança nessa posição vivencia muitas de suas experiências e interações sociais, influenciando tanto no que se refere ao seu “ser” criança, quanto no que se refere àqueles seus “devires” que se projetam em direção aos seus possíveis futuros e futuros possíveis nessa sociedade na qual ele é um filho de imigrante.

Se, como indicado no parágrafo anterior, não nos parece existir uma “dicotomia entre crianças como devires e crianças como seres” (PROUT, 2010, p. 737), também parece correto afirmar, como coloca o sociólogo dinamarquês Jens Qvortrup (2010), que a infância é um componente estrutural e cultural específico de diferentes sociedades. Como Qvortrup coloca em outro texto, “a infância persiste: ela continua a existir — como uma classe social, por exemplo — como forma estrutural, independentemente de quantas crianças entram e quantas saem dela” (PROUT, 2011, p. 204). Nesta perspectiva — a da infância como componente estrutural —

a infância existe enquanto um espaço social para receber qualquer criança nascida e para incluí-la — para o que der e vier — por todo o período da sua infância. Quando essa criança crescer e se tornar um adulto, a sua infância terá chegado ao fim, mas enquanto categoria a infância não desaparece, ao contrário, continua a existir para receber novas gerações de crianças. (QVORTRUP, 2010, p. 637).

Considerado o contexto abordado neste artigo, a sociedade estadunidense contemporânea, o que temos é que os filhos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos vão estar inseridos numa estrutura e ambiente cultural que é próprio dessa sociedade. Neste sentido, lato sensu, vão compartilhar com todos aqueles que são de sua geração uma mesma infância, própria dessa sociedade. Contudo — e este é um dos pontos centrais dessa nossa conclusão — a sua condição de ser um filho de imigrante tenderá a ser parte importante do que define o espaço social que ele vai ocupar nessa sociedade durante sua infância.

Logo, se é possível pensar na infância na sociedade estadunidense como forma estrutural, dentro dessa mesma forma estrutural existem espaços específicos a partir dos quais uma criança vive a infância. Sendo um desses espaços aquele que é próprio daqueles que são filhos de imigrantes. Afinal, tratando da infância vivida como filho de imigrantes não estamos nos referindo tão-somente ao caso de uma ou mais crianças, mas também a um espaço social contido na estrutura social estadunidense que é parte de um espaço social maior: o da infância nos Estados Unidos contemporâneo.

Em diferentes pesquisas sobre “a nova segunda geração” — como os já citados estudos de Portes e Rumbaut (2001, 2001) e de Marcelo e Carola Suárez-Orozco (2002) — encontramos dados e elementos analíticos que podem ser usados na formulação da leitura de que ser filho de imigrante é um espaço social que muitas crianças ocupam

dentro de sua trajetória e vida social nos Estados Unidos. Neste sentido, tanto a “Teoria das Trajetórias de Assimilação Segmentada” de Portes e Rumbaut (2001), quanto o conceito de “espelhamento social” de Carola e Marcelo Suárez-Orozco (2002), podem ser lidos como formulações teóricas que apontam para o fato de que há um tipo de infância sendo vivida na sociedade estadunidense a partir da posição social e condição de ser filho de imigrante.

Se há esse componente estrutural da infância sendo vivida a partir da posição social de ser filho de imigrante, isto, contudo, não implica num determinismo. É preciso perceber que há uma diferença entre considerar a “infância sendo vivida na posição de ‘filho de imigrante’” e considerar “a infância sendo vivida a partir da posição de ‘filho de imigrante’”. Ao afirmarmos que a infância está sendo vivida “a partir da posição de ‘filho de imigrante’” estamos ao mesmo tempo, nos afastando do “mito da pessoa autônoma e independente” (PROUT, 2010, p. 737) — e reconhecendo que elas agem dentro de uma estrutura social e de uma complexa rede de interdependências —, e também reconhecendo que essas crianças filhos de imigrantes são atores sociais com capacidades e possibilidades de agência, crianças como seres e devires.

O que os relatos de filhos de imigrantes como Sérgio, Ana, Cecília, Tomás, João e Sérgio parecem nos revelar é justamente isso: ao mesmo tempo, em que ser filho de imigrante é um espaço social que influencia e tem peso em um bom número de situações e experiências que eles enfrentam e vivenciam na sua infância, é também o espaço a partir do qual elas agem e exploram o mundo que se apresenta diante deles, quando o seu “ser” criança se encontra com o seu “devir” criança.

Os pais, a escola, a origem imigrante, o domínio da língua, o café da manhã que ela própria prepara, a visita ao Brasil, o futebol ou o basquete, a sala de aula, o instrumento musical e a banda escolar, a alfabetização, o conselho do pai, os sacrifícios dos pais... são muitos os meios que um filho de imigrante encontra na sua infância, que ela percorre. Esses meios vão surgindo. Surgem, aparecem, desaparecem, se combinam, se descombinam... E a criança filho de imigrante vai explorando esses meios, entre o seu ser e o seu devir criança. Um devir que é também — conforme ela vai crescendo — projetar-se em direção às possibilidades de futuros possíveis ou não tão possíveis. Onde possibilidades e obstáculos, como já sinalizado, também se vinculam a esse seu lugar no mundo: ser filho de imigrante.

Se o fato de ser filho de imigrante tem a importância que estamos indicando, a origem, a questão parental, é parte importante de suas vidas. É, em suma, preciso

considerar os lugares ocupados em suas vidas. Isso sem esquecer o alerta de Gilles Deleuze de que:

A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar mapa correspondente. (...) Ora, os próprios pais são um meio que a criança percorre, com suas qualidades e potências, e cujo mapa ela traça. Eles só tomam a forma pessoal e parental como representantes de um meio num outro meio. Mas é errôneo fazer como se a criança primeiro estivesse limitada a seus pais e só chegasse aos meios depois, e por extensão, por derivação. O pai e a mãe não são as coordenadas de tudo o que o inconsciente investe. Não existe momento algum em que a criança já não esteja mergulhada num meio atual que ela percorre, em que os pais como pessoas só desempenhem a função de abridores ou fechadores de portas, guardas de limiares, conectores ou desconectores de zonas. Os pais estão sempre em posição num mundo que não deriva deles. (DELEUZE, 1977, p. 73).

Considerando essas colocações de Deleuze, o que nos parece — ao considerar os caminhos que nossa pesquisa vem apontando — é que de fato as crianças filhos de imigrantes não estão limitadas aos seus pais e os pais estão sempre em posição num mundo que não deriva deles. Seus pais não são, portanto, as coordenadas de tudo o que o inconsciente desses filhos de imigrantes investe. Os pais são um dos meios que a criança filho de imigrante percorre no seu devir. Mas, ao mesmo tempo, pais de filhos de imigrantes nos parecem ser bem mais que “abridores ou fechadores de portas, guardas de limiares, conectores ou desconectores de zonas”. Neste sentido, se o objetivo é compreender a experiência de ser e crescer como filho de imigrante não nos parecer ser possível deixar de destacar a questão parental, reconhecendo e buscando compreender sua relevância e impacto na vida e trajetória social de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de O.; IHÁ, Natalia C. **A escolarização dos jovens migrantes brasileiros: problemas e perspectivas.** Imaginário – USP, SP, v. 13, n. 14, p. 357-378, 2007.

BALIBAR, Étienne. **Historical Dilemmas of Democracy and Their Contemporary Relevance for Citizenship.** Rethinking Marxism, Association for Economic and Social Analysis, v. 20, n. 4, p. 522-538, 2008.

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem? *In*: DELEUZE, Gilles (Org.), **Crítica e Clínica.** Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, p. 73-79. 1997.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City.** Princeton: Princeton University Press, 1994.

MARGOLIS, Maxine. **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo.** São Paulo: Contexto, 2013.

MARTES, Ana Cristina Braga. **New Immigrants, New Land - A study of Brazilians in Massachusetts**. Gainesville: University Press of Florida, 2011.

MEZZADRA, Sandro. **Confini, migrazioni, cittadinanza**. PAPERS, Revista de Sociologia. Barcelona. v. 85, p. 31-41, 2007.

OLIVEIRA, Glaucia de; MERIZ, Gisele; IHÁ, Natália C. A segunda geração de emigrantes brasileiros rumo aos Estados Unidos: Problemas e Perspectivas. **Revista PerCursos**, Florianópolis, SC, v. 7, n. 2, 2006.

PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra. Construção das identidades de jovens de origem imigrante em Europa: resultados de um projeto europeu. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Brasília, v. 22, n. 42, p. 133-158, jun. 2014.

PORTES, Alejandro, RUMBAUT, Rubén G. **Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation**. University of California Press/Russell Sage Foundation, 2001.

PORTES, Alejandro, RUMBAUT, Rubén B. **Immigrant America: a Portrait**. Oakland (CA): University of California Press, 2014.

PROUT, Alan. Reconsiderando a Nova Sociologia da Infância. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 40, n. 141, p. 729-750, 2010.

QVORTRUP, Jens. A Infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago. 2010.

QVORTRUP, Jens. Apresentação Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". **Pro-Posições**, Campinas, SP, v.1, n. 64, p. 199-211, 2011.

RUMBAUT, Rubén G., PORTES, Alejandro. **Ethnicities: Children of Immigrants in America**. University of California Press/Russell Sage Foundation, 2001.

SALES, Teresa. **Brasileiros Longe de Casa**. São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

SALES, Teresa, LOUREIRO, Márcia. Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 21, n. 2, p.217-239, jul-dez. 2004.

SUÁREZ-OROZCO, Marcelo, SUÁREZ-OROZCO, Carola. **Children of Immigration**. Harvard University Press, 2002.

NOTAS

CRESCENDO COMO FILHO DE IMIGRANTE BRASILEIRO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Growing up as children of Brazilians immigrants in the United States of America

Antônio Mendes da Costa Braga

Doutor em Antropologia Social
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp
Departamento de Sociologia e Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
(Tutor PET/MEC)
Campus Marília, SP, Brasil
antonio.braga@unesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5929-1012>

Endereço de correspondência do principal autor

Alameda das Quaresmeiras, 120, Residencial Vale do Canaã, CEP 17525-454, Marília/SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Tomi Vuorio, Helen Obara e Luciana Fernandez (assistentes de pesquisa). Ao Padre Heitor Castoldi (Scalabriniano) e aos colegas do LATAM-UF (EUA) por suas contribuições. E, principalmente, a todas e todos os filhos de imigrantes brasileiros que participaram da pesquisa que dá suporte a este artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. M. C. Braga

Coleta de dados: A. M. C. Braga

Análise de dados: A. M. C. Braga

Discussão dos resultados: A. M. C. Braga

Revisão e aprovação: A. M. C. Braga

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

FAPESP- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, SP.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da

universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista
Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 01-05-2020 – Aprovado em: 23-09-2020